

Sobre Sustentabilidade. Escavação, Conservação e Reconstrução em Contexto Arqueológico

About Sustainability. Excavation, Conservation and Reconstruction in an Archaeological Context

Pedro Alarcão

Doutorado em Arquitetura
Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura
Porto, Portugal
p.alarcao@arq.up.pt

RESUMO

A presente comunicação tem como principal objetivo demonstrar como a intervenção arquitetónica em contexto patrimonial e, particularmente, em contexto arqueológico, dada a sua própria especificidade, pode corresponder com naturalidade a uma intervenção claramente sustentável. Abordam-se as várias etapas da intervenção na ruína, que correspondem aos propósitos a alcançar para Conhecer, Proteger e Valorizar o bem patrimonial; materializados nas etapas da Escavação, Conservação e Valorização. Finalmente, apresenta-se um caso prático em curso, o projeto de Conservação e Valorização do Anfiteatro Romano da *Ammia*, em Portugal; esperando que o mesmo se constitua, tanto quanto possível, como um exemplo demonstrativo das práticas por nós defendidas. A comunicação apoia-se em imagens exemplificativas e diretamente relacionadas com o texto, pois, como sempre dizem os arquitetos: “uma imagem vale mais do que mil palavras”.

Palavras-chave: arquitetura, construção, reuso, autóctone, sustentabilidade

ABSTRACT

The main goal of this paper is to demonstrate how architectural intervention in heritage contexts, particularly in archaeological settings, due to their inherent specificity, can naturally correspond to a clearly sustainable approach. The various stages of intervention in ruins are addressed, which align with the goals of Understanding, Protecting, and Enhancing the heritage asset; these are materialized through the phases of Excavation, Conservation, and Enhancement. Finally, a current case study is presented: the

Conservation and Enhancement project of the Roman Amphitheatre of Ammaia, in Portugal. The aim is for this project to serve, as much as possible, as a demonstrative example of the practices we advocate. The presentation is supported by illustrative images directly related to the text, as architects often say: "a picture is worth a thousand words."

Keywords: architecture, construction, reuse, indigenous, sustainability

1. INTRODUÇÃO

É hoje universalmente aceite que o processo mais sustentável de edificar passa por reabilitar a construção existente. Só depois, e caso a reabilitação não seja possível, se deveria optar por uma edificação nova, com desejável recurso a materiais naturais e de proximidade, passível de permitir uma manutenção acessível e por um largo período temporal.

Este princípio não é estritamente material, mas igualmente conceptual, dado que o conhecimento e a prática sobre a arquitetura do passado são também um imenso manancial de aprendizagem para o Arquiteto; ou seja, e dito por outras palavras, os arquitetos mais cultos têm procurado sempre aprender com a arquitetura do passado. “Notemos, de passagem, que as épocas que se caracterizaram por um grande passo em frente se distinguiram das outras por um estudo, mesmo que parcial, do passado” (Viollet-le-Duc, 1866, p.16, tradução nossa)¹.

No caso da intervenção em contexto arqueológico, a questão coloca-se com maior relevância; uma vez que a ruína, fragmento de arquitetura do passado, como recorrentemente referimos, transmite um valor didático inquestionável. “Por isso [como refere Ustárroz] as Ruínas representam para o arquiteto, de forma exemplar e enigmática, a síntese artística mais fortuita e perfeita que pode resultar da colaboração entre o homem, o tempo e a história” (1977, p.33, tradução nossa)²; podendo igualmente resultar da intervenção sobre a mesma, dada a sua própria especificidade, um processo construtivo altamente sustentável, tema que nestas linhas pretendemos demonstrar muito sucintamente.

¹ “Remarquons, en passant, que les époques signalées par un grand mouvement en avant, se sont distinguées entre toutes par une étude au moins partielle du passé”, Viollet-le-Duc, 1866, p.16.

² “Por ello las Ruinas representan para el arquitecto, de forma ejemplar y enigmática, la síntesis artística más fortuita y perfecta que puede resultar de la colaboración entre el hombre, el tiempo y la historia (...)”, Ustárroz, 1977, p.33.

2. DESENVOLVIMENTO

Em qualquer intervenção arquitetónica sobre uma construção existente, e por maioria de razão se a mesma tiver valor patrimonial e arqueológico, há três ações que devemos considerar como fundamentais e indissociáveis, a saber: Conhecer, Proteger e Valorizar.

A primeira ação após a identificação da ruína, e que pode implicar o seu descobrimento total ou parcial, é a escavação; condição *sine qua non* para se iniciar o processo com vista ao seu conhecimento.

O atual processo de escavação, a denominada escavação por metodologia estratigráfica, implica que a equipa de arqueologia recorra a recursos manuais para escavar os diversos estratos sucessivamente sobrepostos ao longo dos tempos e a partir dos mesmos apurar a cronologia das estruturas e o seu processo de transformação; procurando identificar objetos que comumente se consideram de maior valor (objetos de ouro ou prata, vidros, cerâmicas ou outros materiais), mas também outros indícios que podem a um leigo parecer mais irrelevantes (tais como materiais ou metodologias de construção, objetos de uso pessoal, vestígios de culto ou alimentação, etc.). Todo este método de escavação tem que ser muito cuidadoso e lento e, por isso, manual e naturalmente sustentável (Figura 1).

Figura 1. Escavação em *Ammaia*, São Salvador da Aramenha, Portugal.



Fonte: Fotografia do autor, Setembro 2015.

Importa também salientar que, mesmo em épocas anteriores, onde se utilizavam outros métodos de escavação que podemos considerar mais arcaicos, o interesse na identificação

de objetos utilizados pelos nossos antepassados, implicou sempre uma escavação por meios manuais, a única que sempre garantiu a identificação e salvaguarda desses mesmos testemunhos do passado (Figura 2).

Figura 2. Primeiras escavações na cidade romanizada de Conimbriga, Portugal.



Fonte: Boletim da DGEMN, 52-53, 1948, fig.6.

A fase seguinte consiste na conservação da ruína, que se pode realizar de diversas formas. Depois do indispensável registo desenhado e fotográfico da ruína, quando constatada a sua importância e fragilidade, uma opção pode passar pelo seu posterior reenterramento; opção que permite que a ruína fique completamente preservada para gerações vindouras, nomeadamente para que por elas possa vir a ser novamente escavada. Uma das opções aconselhadas para voltar a enterrar a ruína, depois de colocada uma barreira de proteção à mesma, é precisamente utilizando a terra retirada aquando da escavação.

Outras ações de conservação da ruína podem passar por proteger, sobretudo das ações da chuva e da geada, os tramos de muros ou troços de pavimentos, garantindo sempre o princípio da reversibilidade (o que implica que essas novas ações de proteção possam vir a ser retiradas ou substituídas). No caso dos muros, e com o objetivo de garantir um nível mínimo de impermeabilização, processa-se geralmente ao seu alteamento, depois de garantida a separação entre os novos materiais e a estrutura original (Figura 3); o mesmo acontecendo com a proteção dos pavimentos, muitas vezes com mosaicos que é necessário preservar, neste caso criando uma camada de proteção com gravilha (Figura 4). Estas ações contemporâneas de proteção, por forma a não se tornarem dissonantes em relação à ruína, são geralmente realizadas com pedra igual à existente, maioritariamente retirada do local ou das proximidades.

Fig. 3. Ampúrias, Girona, Espanha.



Fonte: Fotografia do autor, 2007.

Figura 4. *Italica*, Santiponce, Espanha.



Fonte: Fotografia do autor, 2005.

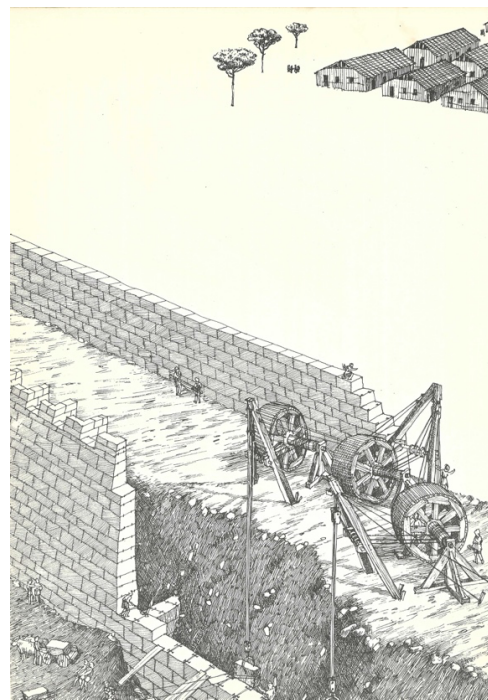
Um exemplo interessante que importa salientar é, no caso de necessidade de contenção de estruturas, o recurso ao uso do gabião, dado que é igualmente reversível e preenchido com pedra existente (Figura 5); assim como evoca o tipo de construção utilizado, por exemplo, pelos romanos, que preenchiam o interior das suas paredes e taludes com recurso as pedras de menor dimensão (Figura 6).

Figura 5. Consolidação estrutural. Clunia, Espanha



Fonte: Fotografia do autor, 2007.

Figura 6. Construção de uma muralha romana.



Fonte: MACAULAY, 1978, p.32.

Finalmente, e por forma a tornar a ruína mais inteligível, podem realizar-se algumas ações de reconstituição. Estas ações de reconstituição conjetural, são de um modo geral parciais, isto é, reconstrói-se o mínimo para que a ruína se torne mais compreensível, não se perdendo precisamente o seu carácter de ruína.

A ação de reconstrução que melhor garante a autenticidade da ruína, é a denominada anastilose, que consiste em colocar os elementos originais encontrados durante a escavação, precisamente no que se pensa ter sido o seu local original; ação esta por nós considerada, não importa repetir mais uma vez, como altamente sustentável.

Por diversas vezes, e por forma a colocar estes elementos originais nos seus locais originais, é preciso recorrer ao que se denomina como preenchimento de lacunas, isto é, preencher essas lacunas com novos materiais; o que mais uma vez, e como referimos em algumas ações de conservação, para não se tornarem dissonantes, se realizam com materiais presentes no local (Figura 7).

Figura 7. Templo do Fórum Provincial de Mérida, Espanha



Fonte: Fotografia do autor, 2008.

3. CONCLUSÃO

Como conclusão, apresenta-se um exemplo prático concreto de uma ação de Conservação e Valorização, a realizar no Anfiteatro Romano de *Ammaia*, São Salvador da Aramenha, Portugal (Figura 8).

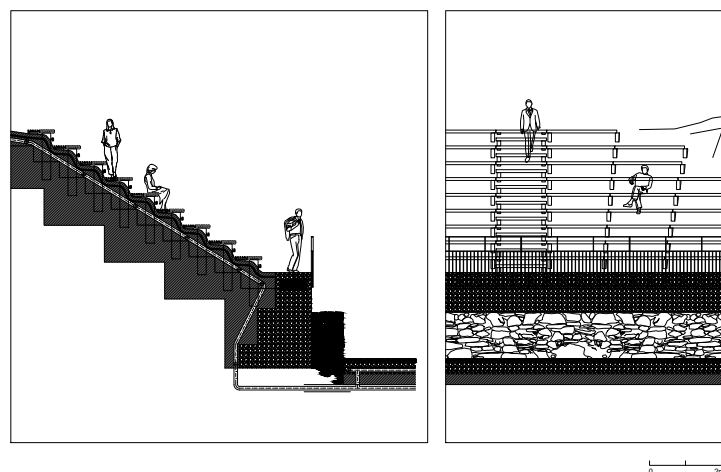
Figura 8. Vista aérea de um troço do Anfiteatro Romano de *Ammaia*.



Fonte: Fotografia de José Ventura, Fundação Cidade de *Ammaia*, 2023.

Com vista à reabilitação-reuso do antigo anfiteatro romano, a estrutura murária da arena será mantida na íntegra e apenas objeto de algumas ações de consolidação; sendo que numa determinada zona a contenção de estruturas será garantida por muros de gabião, que permitem, como referido, otimizar a consolidação e os níveis de compreensão da estrutura arquitetónica desaparecida, bem como instalar bancadas ligeiras em madeira (Figura 9).

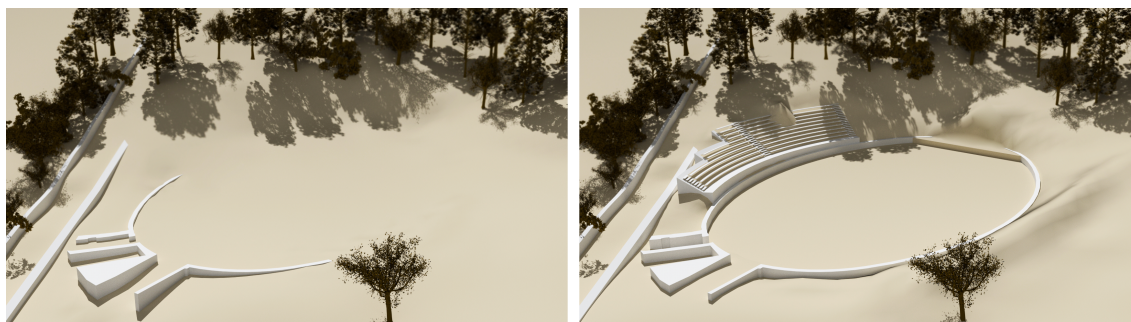
Figura 9. Conservação e Valorização do Anfiteatro de *Ammaia*. Corte construtivo.



Fonte: Desenho do autor.

Esta intervenção arquitetónica, que se pretende integrada e analógica, ao invés de contrastante, será reversível e concretizada (tanto em termos materiais, como conceptuais), com a pedra e a madeira existente no local (Figura 10).

Figura 10. Conservação e Valorização do Anfiteatro de *Ammaia*. Simulação 3D.



Fonte: Desenho do autor.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Pierre. **La construction Romaine: matériaux et techniques**. 2ª ed. Paris: Grands Manuels Picard, 1989 (1ª ed. 1984).
- ALARCÃO, Jorge. Para Quê Conservar e Como apresentar os Vestígios do Passado, **Al-Madan**, Almada, IIª Série, Nº 7, p.53-57, 1998.
- ALARCÃO, Pedro. **Construir na ruína. Entre a reconstituição e a reabilitação**. Porto: Edições Afrontamento, 2018a.
- ALARCÃO, Pedro. **Conimbriga. Para além da ruína**. Porto: Edições Afrontamento, 2018b.
- BOITO, Camilo. **Conserver ou restaurer: les dilemmes du patrimoine**, trad. por Jean-Marc Mandosio, Françoise Choay (apres.). Bensaçon: L' Imprimeur, 2000.
- Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Ruínas de Conimbriga)**. Lisboa: DGEMN, Nº52-53, 1948.
- FABIÃO, Carlos *et al.* Anfiteatro de Ammaia (Lusitania). Nuevo ejemplo de modelo provincial, **ZEIT (EN) DES UMBRUCHS**. Akten des 17. Internationalen Kolloquiums zum provinzialrömischen Kunstschaffen. Wien – Carnuntum, 16-21 Mai 2022, p.387-404.
- LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito. **Património Arqueológico. Cartas, Recomendações e Convenções**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

MACAULAY, David. A Cidade. Planificação e Construção de Uma Cidade Romana. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

Modelos de Paisajes Patrimoniales. Estrategias de protección e intervención arquitectónica. Darío Álvarez e Miguel de la Iglesia (coord.). Valladolid: LAB/PAP, 2017.

PEREIRA, António Nunes. Para uma terminologia da disciplina de protecção do património construído, **À la recherche du temps perdu**. Jornal dos Arquitectos, 213, p. 27-32.

PEREIRA, Paulo. “Lugares de passagem” e o resgate do tempo, **Património/Estudos**, nº1, 2001, p.6-16.

USTÁRROZ, Alberto. **La Lécción de las Ruinas: Presencia del pensamiento grego y romano en la arquitectura**. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos (Col. Arquíthesis, núm.1), 1997.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène. “Restauration”, **Dictionnaire raisonné de l’architecture française du XIe au XVIe siècle**, tomo VIII. Paris: A. Morel, Éditeur, 1866, p. 14-34.